

**A IN(VISIBILIDADE) DO CORPO NEGRO NO BALÉ CLÁSSICO NA  
CIDADE DE SALVADOR: O CASO DO BAILARINO NIELSON SOUZA DA  
SÃO PAULO CIA DE DANÇA.**

(Gleidison Oliveira da Anunciação)

**PARA CITAR ESTE DOCUMENTO:**

ANUNCIACAO, Gleidison. **A in(visibilidade) do corpo negro no balé clássico na cidade de Salvador: o caso do bailarino Nielson Souza da São Paulo Cia de Dança..**  
In: MOURA, Gilsamara. Emílio, Douglas (Orgs). **Ágora: Modos de Ser em Dança – Volume 1.** São Paulo:Editora jogo de Palavras, 2018.

**SOBRE O AUTOR:**

Conhecido como Guego Anunciação, o autor é bailarino, professor, pesquisador, coreógrafo, diretor da Reforma Cia de Dança e tem formação em balé clássico pelo método inglês de ensino da Royal Academy Of Dance. É bacharel em artes, licenciado em dança, especialista e mestrando em dança pela Universidade Federal da Bahia.

## **A IN(VISIBILIDADE) DO CORPO NEGRO NO BALÉ CLÁSSICO NA CIDADE DE SALVADOR: O CASO DO BAILARINO NIELSON SOUZA DA SÃO PAULO CIA DE DANÇA.**

É um grande engano imaginar que o colonialismo acabou por conta da independência dos países. O racismo é um grande exemplo de que o colonialismo ainda existe. Em grandes companhias de balé clássico, e até mesmo em escolas privadas de dança, o racismo continua muito forte, mas dessa vez, camuflado. É muito fácil contar os bailarinos negros que são solistas ou que tiveram oportunidades em companhias de balé clássico, já que o número é ainda muito baixo. E nesta questão, são colocadas inúmeras justificativas para velar o que de fato é.

Em 2015, Mister Copeland, que é uma bailarina clássica dos Estados Unidos, tornou-se a primeira mulher afro-americana a ser promovida como solista na história de 75 anos do *American Ballet Theatre*, que se destaca com uma das principais empresas de balé clássico dos EUA. Copeland, além de bailarina, escreveu dois livros autobiográficos e narrou um documentário sobre seus desafios da carreira. O filme *A Ballerina's Tale* segue a vida diária de Copeland, e se concentra no seu impacto cultural e sua ascensão profissional.

. O racismo na arte, especificamente no balé clássico, é tido de diversas maneiras: um corpo de baile formado por X meninas brancas e você não participa por ser a única negra, um lugar de solista sempre invisibilizado, o uso de sapatilhas cor de pele, já que não existem sapatilhas de cor negra, entre inúmeras ocorrências.

Apesar de Copeland ter se tornando uma grande solista na história do ABT, é importante ressaltar que durante o seu percurso existiu um enbranquecimento muito forte. O enbranquecimento social e o branco-centrismo no balé clássico manifestam-se na nossa realidade, nos fazendo lembrar a história racista que o povo negro passou e ainda passa, reproduzindo uma negação da identidade dos seres não brancos, tentando maquia-los para que eles possam tentar se inserir num sistema que o colonizador ainda nos chicoteia (em secreto) e mantém a sua dominação.

O próprio ingresso de um corpo negro numa escola de balé clássico já é invisibilizado, pelo fato da grande taxa de mensalidade, os grandes gastos com materiais para o estudo e o custo para participação em espetáculos de finais de ano, levando em conta que vivemos num país com elevado número de desigualdade, e os que conseguem se adequar a esses padrões financeiros do balé clássico, são brancos de classe média, e os negros que estão nesses espaços, geralmente são

bolsistas. Esse é um problema de falta de investimento público para as artes, que ainda nos coloca numa posição sempre impossibilitada para formação, já que essas escolas de dança que dão formação de balé clássico, geralmente não contam com nenhum tipo de patrocínio. Na maioria dos casos, os jovens que conseguem obter uma formação sólida em balé clássico são meninas brancas da classe média, e os negros que se encaixam nesse quesito ganharam bolsas de estudo, que ocorre geralmente com muita frequência com homens, pelo fato das escolas também precisarem de meninos para montagens e espetáculos, tendo mais invisibilidade para meninas negras.

Ingrid Silva, bailarina do Rio de Janeiro, começou os estudos de dança aos oito anos de idade, num projeto social no Morro da Mangueira, e por meio deste projeto, ganhou uma bolsa para a Escola de Dança Maria Olenewa, onde durante muitos anos teve uma formação sólida em balé clássico. Hoje, Ingrid dança no *Dance Theatre of Harlem*, que é uma companhia de balé negra dos Estados Unidos, que nasceu em 1969, e conta atualmente com bailarinos coreanos, austríacos, japoneses, etc.

Em entrevista a revista *glamour* (2017), Ingrid afirma que hoje em dia ela se sente muito feliz em ser bailarina profissional, e que é muito bom estar numa sala de balé, olhar para o lado, e ver que existem pessoas parecidas com ela. Ingrid, numa entrevista ao programa *Encontro com Fátima* (2017) da Rede Globo, diz também que sempre teve grandes musas do balé que a inspiravam, mas, nunca idealizou a ideia de ser bailarina profissional pelo fato de nunca ter conhecido/visto nenhuma bailarina negra atuando no balé clássico no Brasil.

É de extrema importância à representatividade do negro na arte, pois, o negro é deixado de lado em todas as esferas da sociedade. O não se aceitar e o achar que não pode ocupar certos espaços são tidos pela falta de representatividade do negro nesses setores, mostrando mais uma vez que o negro sempre fica a margem.

Em 2015, a bailarina Akira Armstrong, que é gorda e negra, decidiu criar seu próprio espaço de dança com a ideia de incentivar outras mulheres gordas e negras a fazerem o mesmo. Akira trabalha com o hip hop e o jazz, e participou de clipes da cantora Beyoncé, além de diversos festivais. A criação do *Dance Theatre of Harlem* é outro exemplo de resistência e representatividade do corpo negro, especificamente no ballet, pois, a empresa lida exatamente com a técnica clássica.

Criada em 1969, a *Dance Theatre of Harlem* é uma companhia profissional de dança dos EUA e uma escola, com sede em Harlem, em Nova York. A *Dance Theatre of Harlem* é conhecida mundialmente pelo fato de ser a primeira companhia negra de balé clássico, priorizando os dançarinos negros. No Brasil, e especificamente em Salvador, não existe ainda esse tipo de posicionamento, mas aos poucos, alguns negros vão se inserindo nesses espaços que deveriam ser espaços democráticos.

Os bailarinos negros de Salvador conseguem se inserir com maior frequência nas escolas privadas de ensino, pelo fato delas precisarem de garotos para os espetáculos de fim de ano e atuação em outras atividades que exige a demanda masculina. As bailarinas negras sofrem muito mais, pois, as bolsas geralmente são poucas, e o nível de dificuldade em se inserir é sempre mais problemático. As mesmas bailarinas negras têm também inúmeras dificuldades em adentrar em companhias de balé clássico, e geralmente obtêm a resposta de que não faz o perfil da Cia. Um perfil branco, europeu e excludente.

### **O balé clássico em Salvador**

Foi em 1962 que o Balé Clássico em Salvador começou a dar seus primeiros passos, quando Aída Maria Ribeiro e Mariá Silva se uniram para criar uma escola de balé clássico dentro dos padrões da Royal Academy Of Dancing, sediada em Londres. Com inúmeras alunas inscritas, o espaço escolhido foi os porões do Teatro Castro Alves.

Como o Teatro Castro Alves pertence a um órgão governamental, foi necessário estabelecer um convênio, assinado pelo então governador Juracy Magalhães, por Wilson Lins, secretário da cultura e educação na época, e pelas diretoras da escola. Mediante a utilização do espaço, a EBATECA (Escola de Ballet do Teatro Castro Alves) seria responsável pela manutenção e limpeza de dois andares do prédio, além de contribuir mensalmente com 5% do total de sua renda, além de conceder certo número de bolsas de estudo para alunos carentes.

Após cinco anos da criação da EBATECA, foi criado o Balé Brasileiro da Bahia, com as alunas adiantadas da EBATECA e que faziam parte do corpo de baile da escola, Dalal Achcar assumiu a direção artística do BBB e trabalhou como coreógrafa por três anos, quando em 1971, Carlos Moraes (então bailarino do Balé Municipal do Rio de Janeiro) foi convidado para assumir a direção artística da EBATECA e do Balé Brasileiro da Bahia.

Moraes foi o grande responsável pela formação artística de inúmeros bailarinos da Bahia, além de conjugar nas suas ações a junção do balé clássico com elementos da dança folclórica. Como Carlos Moraes tinha um grande afeto pela cultura baiana, passou a conviver com grandes figuras, dentre elas, Emília Biancardi. Emília é uma etnomusicóloga, professora e pesquisadora da música folclórica brasileira, e também especialista nas manifestações tradicionais da Bahia. Moraes deu aulas no Viva Bahia, de Emília, e foi lentamente levando os rapazes que faziam aulas com Emília para suas aulas na Ebateca.

Junto a Ebateca, Moraes decide criar o balé sobre a obra “O Guarani”, de autoria de José de Alencar, o qual lhe rendeu inúmeros problemas durante o seu processo de montagem. Uma delas era o preconceito racial, pois, como a ideia era montar um balé a partir de uma obra, ele precisava de muitos rapazes para representar os índios, os portugueses, etc. Naquela época, muitos pais das bailarinas contestaram a presença de vários dançarinos homens e, sobretudo, de bailarinos negros. Moraes enxergou o preconceito e começou a misturar (ainda mais) o pessoal de camada mais baixa da população com as meninas de classe alta. Até no próprio Teatro Castro Alves colocaram um aviso que tinha escrito: “proibido grupos folclóricos ensaiarem no teatro”, mostrando mais uma vez o preconceito, segundo o Livro “Passos da Dança na Bahia”, organizado por Lia Robatto e Lúcia Mascarenhas.

Mesmo com tudo isso, Moraes criou o balé “O Guarani”, e foi um grande sucesso, apesar da mistura de cor e de culturas como o balé clássico, a capoeira e maculelê, que apareciam na obra. O elenco era composto por mais ou menos 80 pessoas em cena, e a estreia teve o Teatro Castro Alves completamente lotado.

### **Nielson Souza: Uma trajetória de insurgência**

Nascido e criado em Salvador, no bairro de Massaranduba, na cidade baixa, Nielson Souza atualmente é bailarino da São Paulo Companhia de Dança, uma das principais companhias de balé clássico do Brasil. Negro e soteropolitano, Nielson aos poucos foi obtendo uma formação e galgando um espaço muito importante quando se fala em corpo negro no balé clássico.

Assim como outros bailarinos iniciantes, Nielson sempre sentiu falta de representatividade do corpo negro no balé clássico, e durante sua trajetória sempre refletiu sobre isso, em busca de ser também representatividade para outros negros.

No ano de 2000, a escola que Nielson estudava trocou a professora de Educação física, e então a professora Rita França começou a lecionar e passou a introduzir a dança para os educandos. Com o grande desenvolvimento das turmas, Rita decide criar um grupo de dança da escola, esse apresentando em datas comemorativas, e outros eventos.

Com o grande comprometimento dos adolescentes que faziam parte do grupo de dança da Escola, o TKR DANCE, o grupo passou a se desvincular da instituição, e produzir por conta própria suas montagens e espetáculos. Os figurinos e cenários eram feitos pelos membros do grupo, e as

coreografias eram bem híbridas, contendo jazz, afro, movimentações vistas em filmes, etc. .

Num desses espetáculos, uma professora de balé que trabalhava na EBATECA, estava na plateia e gostou muito da atuação de Nielson em cena, e o convidou para fazer um teste, para tentar uma bolsa de estudos de balé clássico na referida escola. .

Muito talentoso Nielson foi aprovado no teste e passou a ser bolsista na EBATECA, fazendo aulas na escola durante 03 anos. Após os 03 anos de aulas na EBTECA, Ana Karla Sampaio, uma das professoras de Nielson, o inscreveu de surpresa numa seleção para a Escola Bolshoi do Brasil, em Joinville. A audição ocorreu em 2006, no palco do Teatro Castro Alves, e Nielson acabou sendo aprovado e ganhando uma bolsa integral para estudar balé clássico em Santa Catarina.



*Nielson Santos na EBATECA em 2006. Arquivo Pessoal*

O TKR Dance, a EBATECA, o Bolshoi Brasil, Escola de Dança da Funceb e o Balé Jovem de Salvador foram instituições importantíssimas para a concretização do sonho de Nielson que era ser um bailarino profissional. Hoje, na São Paulo Companhia de Dança, é um exemplo para outros garotos negros que sonham em se tornarem profissionais da dança e saltam o preconceito com muita garra e força. O grande marco da representatividade de Nielson foi em 2014 quando atuou como protagonista no espetáculo Romeu e Julieta, sendo o primeiro bailarino negro atuar nesse papel no cenário brasileiro.

## Entrevista

**Gleidison Anunciação:** Oi Nielson, bom dia! Você me contou um pouco sobre seu início de formação, e paramos na sua entrada no Bolshoi. Como foi a sua ida para o Bolshoi? Quanto tempo você ficou por lá?

**Nielson Souza:** Fiquei 1 ano e meio e meu objetivo era ter um certificado de bailarino profissional, Mas como entrei muito tarde e quase no final do curso que dura 8 anos (entrei no 6), sairia de lá apenas como se tivesse feito um curso. Isso me fez desistir, saindo um ano antes de terminar. Fora que a ideia de dança que eu acreditava e formava em mim estava indo de contra aos ideais da escola. Sair foi a melhor coisa que fiz

**Gleidison Anunciação:** E qual era a ideia que você tinha?

**Nielson Souza:** Dança vai muito além de físico, de altura de perna, de magreza. São corpos e eles são diferentes. O Bolshoi foi muito importante pra minha técnica, mas não me alimentava como artista sabe? Machuquei-me muito, via meninas chorando no corredor porque eram consideradas gordas. Meninas que eram mandadas de volta pra casa por motivos assim. Tudo era meio automático, não era pra mim. Mas há quem goste.

**Gleidison Anunciação:** E quando você decidiu sair do Bolshoi e voltar para Salvador, como foram as coisas por aqui?

**Nielson Souza:** Assim que sair do bolshoi, prestei uma audição para a São Paulo Companhia de Dança, mas acabei não passando. Depois disso surgiu o convite para participar do Balé Jovem de Salvador e acabei ficando por aqui dançando. Além disso, fiz vestibular para o curso de estatística, e acabei sendo aprovado.

**Gleidison Anunciação:** Como foi esse convite?

**Nielson Souza:** Quando deixei o Bolshoi, voltei a Salvador sem nenhum horizonte, fiquei meio perdido em relação a como dar continuidade a minha formação. Foi quando rolou uma audição pra um espetáculo produzido pela diretora da Ebateca que fiz parte. Passei nessa audição e tinha o que fazer durante alguns meses. Num dos ensaios desse espetáculo recebi um bilhete da Lorena com um recado de Matias dizendo que ele tinha um projeto e gostaria que eu fizesse parte. Já conhecia Matias, fazia aula dele na Funceb e quando recebi o convite pensei na hora, voltar pra Ssa foi a melhor coisa que poderia ter feito. Me espelhava e me espelho muito nele

**Gleidison Anunciação:** Ele estava formando o elenco do Balé Jovem, correto? Como foi esse primeiro processo pra você?

**Nielson Souza:** Ele marcou uma reunião com os bailarinos que ele convocou e a partir daquele momento me encarei como bailarino profissional, mesmo não ganhando financeiramente. Mas sabia que era um trampolim enorme pra mim. Minha época no Bjs foi bem complicada, Matias lutava muito pro tudo (n que ele não lute agora). Mas era complicado arranjar lugar pra ensaiar, pra dançar. Era difícil juntar todo mundo nos ensaios, pq cada um precisava ganhar seu dinheiro de alguma forma. Eu fazia estatística na ufba, então ainda tinha que conciliar com isso também. Mas foi um processo indispensável e que fez muita diferença pra mim quando entrei na SPCD. Quanto bailarino e como pessoa também. Foi aí que eu me desatei das amarras de ser aluno e passei a me ver de outra forma.

**Gleidison Anunciação:** Como ocorreu o fato de você mudar p SP e atuar como bailarino da SPCD?

**Nielson Souza:** Quando saí do Bolshoi fiz a primeira audição da Spcd e não passei. A segunda não quis fazer pq tava num momento bom em Salvador, mas na terceira resolvi me aventurar de novo. Lembro quando recebi o resultado, estava saindo de um ensaio do BJS quando recebi a ligação da diretora da Spcd me oferecendo um contrato. Aceitei na hora. Precisava estar em SP no começo do ano de 2010 e como já tinha uma amiga minha que morava em SP já havia lugar pra ficar. O primeiro ano foi bem complicado, não me via morando aqui, queria ir embora, mas estava muito feliz em fazer parte do elenco da SPCD. Sempre que podia ia pra Salvador, até que meu desconforto em morar numa cidade tão grande como SP foi dando lugar a minha vontade de crescer artisticamente e fui me adaptando. Comecei a ver que a dança não se resumia ao que tinha vivenciado até ali. Precisava correr muito atrás e chegar ao nível das pessoas com quem eu trabalhava.

**Gleidison Anunciação:** Como foi o processo do balé Romeu e Julieta, no qual você foi protagonista? Como se deu a escala do elenco?

**Nielson Souza:** O coreógrafo Giovanni de Palma havia remontado um ballet pra SPCD em 2011 e depois disso veio dar aulas, então ele já conhecia a gente e pela vivência montou o elenco do Romeu e Julieta. Ele escolheu três casais para os papéis principais e no decorrer da montagem foi consolidando quem dançaria com quem, quem estrearia... Enfim. A audição foi no dia a dia. Até mesmo antes da montagem... Só que ninguém sabia! Rs

**Gleidison Anunciação:** Quais enfrentamentos de um bailarino negro numa cia de dança profissional com foco no clássico?

**Nielson Souza:** Já passei por algumas situações inusitadas, principalmente com mestres de balés mais antigos e conservadores que moldam o príncipe ou a fada de uma forma que nós negros não



podemos ser encaixados. Coisas que estão tão enraizadas que passam muitas vezes despercebidas. Negro em novela é porteiro, faxineiro ou bandido. No balé também acontece, ele não pode ser príncipe porque não condiz com a imagem que idealizei. Coisas do tipo. Mas de forma geral, ser negro e ter passado e vivido coisas que só nós negros entendemos me trouxe um diferencial que, quase sempre, chama atenção de forma positiva. Cada corpo é uma história e podemos aproveitar isso na nossa dança. Tem quem queira compartilhar disso conosco e quem não quer paciência.

### **Considerações finais:**

Em tempos onde ainda existem muito preconceito e ações racistas, esta ação é de fato um ato político, a fim de questionar a todos sobre um assunto tão importante e que por vezes não é debatido, nem exposto na classe da dança. No balé clássico ainda é necessário um olhar democrático, e não excludente, entendendo os diversos corpos/histórias que desejam realizar este tipo de trabalho para ser um profissional da dança.